

JIMÉNEZ DEL CASTILLO, Juan Carlos, *Francisco de Pedrosa: La Austriaca siue Naumachia*. Introducción, estudio y edición, Basel FIDEM, 2021, 315 pp. ISBN 978-2-503-59978-6

Estamos perante um trabalho que mereceu em 2019 a nona edição do *Prémio Internacional de Tesis Doctorales* da Fundação Ana Maria Aldama Roy de Estudos Latinos. Muito justamente, uma vez que se trata de uma edição crítica de um erudito e significativo poema épico neolatino, que permaneceu inédito até aos nossos dias, acompanhado de um excelente estudo introdutório.

A epopeia *Austriaca siue Naumachia*, do poeta Francisco Pedrosa, fez parte da onda de exaltação da inesperada vitória cristã na Batalha de Lepanto (1571), que susteve a expansão do Islão no Mediterrâneo. Embora o poeta humanista tivesse enviado o poema em 1583 para a Corte de Filipe II, juntamente com uma carta/prólogo pedindo a Sua Majestade que se dignasse ‘imprimir um poema latino que habia compuesto em loor de la victoria de Lepanto, intitulado Austriaca’, o seu manuscrito permaneceu inédito até que, providencialmente, vem a ser publicado em 2021, 450 anos depois do acontecimento histórico que pretendia celebrar e eternizar pela poesia. Como também afirma naquela carta, Francisco Pedrosa escolhe o verso ‘más alto y estimado de todos, que es el verso latino heroico’ (p. 9), ciente de que este verso não somente embeleza os feitos históricos que retrata como convida à sua admiração e lhe assegura vida mais longa que a história em prosa (p.11).

Um aspecto interessante desta edição é o facto de a epopeia de Francisco Pedrosa nos ser apresentada devidamente emoldurada pelos textos contemporâneos que acompanham o manuscrito e lhe dão o ambiente, ajudando o leitor a compreender a obra no seu contexto histórico e literário.

Mas para essa compreensão contribui essencialmente o estudo introdutório de 101 páginas anotadas. Juan Carlos Castillo apresenta-nos um estudo biográfico com o detalhe possível que lhe permitiram os vários arquivos consultados, de que destaca o *Archivo General de Centroamérica*

(AGCA), onde encontrou a maior parte do *corpus* e recolheu os dados biográficos do poeta. Juan Castilho vai desvendando ao leitor o mistério que constituía a vida deste castelhano nascido em Madrid, que viria a estabelecer-se na Guatemala (entre 1572-74), onde fez longa carreira como mestre de Gramática. Neste capítulo (pp. XIII-XXX) Juan Castilho fornece-nos ainda alguns dados biográficos sobre um dos doze filhos de Francisco Pedrosa, seu homónimo, e sobre cinco personagens que designa como ‘círculo literário de Francisco Pedrosa’, eclesiásticos e homens de letras seus antigos discípulos com quem se terá correspondido ou convivido. São eles os autores dos poemas laudatórios que acompanham o manuscrito da *Austriaca*.

No segundo capítulo da introdução (pp. XXXI-LIV) Juan Castillo apresenta o seu objecto de estudo: faz o estado da arte em relação ao conhecimento desta epopeia, desde as primeiras referências do séc. XIX aos estudos mais recentes, apresenta as motivações da obra, os modelos que constituem as suas referências literárias, o manuscrito (MS 3960 da Biblioteca Nacional de Espanha) que descreve e se esforça por datar e acompanhar na vinda para Espanha, e expõe ao leitor o argumento da obra numa sinopse detalhada de cada um dos seis livros, com indicação dos versos para cada parte, tema, ou episódio referidos.

No terceiro capítulo (pp. LV-LXXXIII) Juan Castilho dedica-se ao estudo da *Austriaca* siue *Naumachia* enquanto poema épico, na sua génese, conteúdo e recursos formais. Aqui o leitor tem uma aproximação do entendimento do género épico na sua relação com a história, da função moralizante e didáctica da poesia épica e da historiografia, compreendendo melhor o contexto cultural e literário em que nasce esta epopeia. Juan Castilho apresenta-nos os elementos épicos clássicos estruturais e de conteúdo, o perfil clássico do herói, o plano divino da ação, as profecias, a sua leitura política em relação com a história, e também os elementos de tradição cristã, inclusive com um quadro remissivo para fontes bíblicas.

Finalmente, um quarto capítulo da Introdução (pp. LXXXV-CI) apresenta os critérios filológicos seguidos para a edição dos textos em latim e em castelhano, além de algumas advertências para leitura do aparato crítico e das fontes, e um quinto capítulo (pp. CIII-CX) indica a bibliografia.

A Segunda parte da obra de Juan Castilho constitui então a edição crítica propriamente dita (182 pp.), seguida de quatro índices: um índice de nomes clássicos, medievais e renascentistas, outro de nomes de autores contemporâneos, outro de topónimos e, finalmente, um índice de manuscritos.

Os quase cinco mil versos são anotados com um aparato crítico positivo (que Juan Castillo justifica) e com um aparato de fontes muito útil e ilustrativo. Este aparato identifica as fontes literárias clássicas de Francisco Pedrosa. Da sua leitura Juan Castilho conclui que Pedrosa cita sobretudo os poetas Virgílio e Ovídio, seguidos de Horácio, Lucano Estácio e Sílio Itálico. Além destes, são objecto de *imitatio* Catulo, Marcial, Valério Flaco e Juvenal, e ainda alguns prosadores, como Júlio César e Cícero.

Antecedem a edição deste poema a dos cinco poemas laudatórios e da carta prólogo, que já no manuscrito surge em duas versões, latina e espanhola, e que Juan Castilho aqui decide apresentar lado a lado. No fim do poema, temos a edição crítica do parecer do franciscano Frei Martin de la Cueva, em carta dirigida a Francisco Pedrosa, na última página do manuscrito. Tudo leva a crer que o autor lhe tenha pedido um parecer, que o franciscano não recusa, embora lamente não ter conseguido ler o poema na íntegra, devido aos muitos afazeres... Em todo o caso, leu uma boa parte e elogia o engenho, o estilo, o vocabulário.

É de grande mérito este trabalho, sem dúvida, um contributo de peso para um melhor conhecimento da poesia épica neolatina de quinhentos como documento literário que nos dá a conhecer um recorte da história: a história das ideias literárias, políticas e morais do mundo de tradição clássico-cristã e da sua presença no mundo hispano-americano.

Com uma edição crítica desta qualidade, aguardamos agora que algum latinista (porque não Juan Carlos del Castillho, quem melhor conhece esta epopeia) nos brinde com a sua tradução para uma língua moderna, alcançando assim maior divulgação para esta obra que quis celebrar um momento histórico marcante na Europa e que ficou inédita até aos nossos dias.

CARLOTA MIRANDA URBANO

CECH- Universidade de Coimbra

camirurb@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-8073-6792>

